

PÁGINA INICIAL

BLOG SOBRE A ERRADICAÇÃO DA PÓLIO

BLOG SOBRE A ERRADICAÇÃO DA PÓLIO

Buscar

PELO FIM DA PÓLIO E DO PRECONCEITO

QUARTA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2012



por

JOÃO CORREA

Atleta paraolímpico em
treino para
ultramaratona



Meu nome é João Correa e tenho 49 anos. Apesar de nunca ter sido contaminado com a poliomielite, sei exatamente o que muitas vítimas desta doença sofrem. Aos 19 anos de idade sofri um acidente de trabalho na construção civil. Fiquei um ano e meio hospitalizado e depois disso nunca mais voltei a caminhar. Desde então passei a viver sobre uma cadeira de rodas. Por isso sei exatamente pelo que passa uma pessoa que deixa de fazer uso de suas pernas.

O choque inicial é muito grande. De uma hora para outra passei a ser dependente de outros para as coisas mais simples, pois não conseguia acessar o que precisava em minha própria casa; quanto mais fora dela. Meu antigo lar passou a ser um transtorno para mim: portas estreitas, armários muito altos, banheiro muito pequeno, a cama que era baixa demais, os degraus que só serviam para atrapalhar. É por isso que hoje tenho pouca mobília, pois tudo que for apenas decorativo vai certamente atrapalhar meu deslocamento na cadeira de rodas.

Em seguida vieram as perdas. Não só as de ordem financeira, já que a maioria dos artigos para um paraplégico é mais cara, mas especialmente as de ordem pessoal e emocional. Os antigos amigos foram embora, pois não era “prático” ser amigo de um cadeirante. Meu círculo de amizades reduziu-se a quase ninguém. Depois foi a vez de a minha esposa ir embora. Pois para ela, jovem e bonita, ter um marido paraplégico era um fardo pesado demais para carregar. Na sequência perdi meu emprego. Apesar das tentativas de continuar trabalhando na mesma empresa em outra função, não houve interesse de meu patrão e fui dispensado.

A luta para continuar vivendo sem as pernas e reintegrar-me a sociedade foi inglória. Ruas mal calçadas e esburacadas, escola, prédios públicos e meios de transporte sem acessibilidade, tudo conspirando para que minha vida rumasse para o isolamento total.

Mas o que mais me surpreendeu em tudo isso foi a reação das pessoas em geral. O olhar “diferente” com que eu era encarado. Um misto de preconceito, ignorância e desprezo fazia com que eu me sentisse o pior dos seres humanos. Meus primeiros anos como deficiente físico foram justamente em uma época em que a pólio fez muitas vítimas no Brasil, o que fazia com que muitas pessoas pensassem que eu era uma vítima da doença e um provável transmissor do vírus. Cheguei a ter meu acesso barrado em restaurantes com a desculpa de que “a cadeira de rodas tomava muito espaço”, quando na verdade eu sabia que os donos não queriam um “doente” junto dos outros clientes.

Hoje ainda há quem confunda deficiência física com incapacidade, fazendo com que uma pessoa com necessidades especiais tenha de ser muito bom naquilo que faz para poder integrar-se na vida cotidiana. A

cobrança é muito maior.

Por isso espero que o mundo continue trabalhando arduamente para erradicar qualquer tipo de doença ou infortúnio que faça uma pessoa sofrer o que sofreu, principalmente, para eliminar o preconceito e a falta de humanidade com portadores de doenças ou deficiências físicas. E graças ao trabalho dos rotarianos, tenho convicção que isto em breve irá acontecer.

Junte-se ao atleta paraolímpico João Correa e participe do **Maior Comercial do Mundo** pelo fim da pólio

Veja **vídeo de treino do atleta paraolímpico João Correa** rumo ao Desafio Ultramaratona, criado e apoiado pelo **Rotary Clube de Canoas Industrial** e pelo Distrito 4670 do Rotary Internacional

Leia mais sobre...

[Paralisia Infantil](#)

[paraolímpico](#)

[Brazil](#)

[Brasil](#)

[Poliomielite](#)

Tweet

Curtir

0

ESCRITORA CONTA COMO A PARALISIA INFANTIL TRANSFORMOU SUA VIDA

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2012

Até ser erradicada do Brasil, em 1989, depois de campanhas maciças de vacinação, a poliomielite era uma doença endêmica no Brasil. Nas pequenas cidades do interior, a falta de vacinação e o saneamento precário faziam milhares de vítimas todos os anos. Contrair ou não a pólio muitas vezes era questão de ter ou não sorte.

Foi exatamente o que aconteceu comigo em janeiro de 1976. Pouco antes de eu completar dois anos, a sorte me abandonou. Amanheci febril e com fraqueza nos membros inferiores. Mesmo acostumados com minhas constantes inflamações de garganta, meus pais procuraram tratamento médico na cidade mais próxima, Jaboticabal. No dia seguinte, sem um diagnóstico preciso, fui enviada a Ribeirão Preto, um centro maior e mais bem equipado em termos médicos. Quando finalmente os doutores concluíram que eu contraíra pólio, o vírus já começara seu devastador processo de paralisção muscular.

Morando em Guariba, a mais de 300 quilômetros do principal centro de tratamento da doença no Brasil, em São Paulo, eu e minha família ainda tivemos de lutar contra a falta de transporte. Muitas horas depois, uma alma generosa nos conduziu até o Hospital das Clínicas de São Paulo. A chegada tardia impediu que algo de concreto fosse feito. Já estava



por

ELIANA ZAGUI

Sobrevivente da paralisia infantil, a escritora e artista plástica brasileira vive há mais de 36 anos num dos maiores hospitais do País

completamente sem movimentos do pescoço aos pés e com a respiração comprometida pela paralisia do diafragma.

Após uma série de seções no pulmão de aço, a máquina que tentava reverter o quadro respiratório, os médicos concluíram que a batalha estava definitivamente perdida. Fui traqueostomizada e ligada ao respirador artificial. Continuo a respirar por aparelho hoje, mais de 36 anos depois.

Também continuo a viver no mesmo Hospital das Clínicas desde então. De um grupo de centenas de crianças que chegaram ao hospital nas décadas de 1960 e 1970, vítimas do último grande surto de pólio de São Paulo, formamos uma “família” com sete integrantes – sem falar nos médicos e enfermeiros que nos atendiam. A morte de cinco deles no período de dois anos, nos anos 1980, reduziu nosso grupo a dois sobreviventes: eu, Eliana Zagui, e Paulo Henrique Machado, morador mais antigo do hospital e que ainda hoje divide um quarto comigo.

Uma vida no maior hospital de Brasília

Eliana Zagui



 **Bela letra**
Editora

Leia mais sobre...

Pulmão de Aço

São Paulo

Eliana Zagui

Brazil

livro

Brasil

Poliomielite

Paralisia Infantil

Tweet

Curtir

0

O SONHO DE UM MUNDO SEM POLIOMIELITE DEPENDE DE VOCÊ

QUINTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 2012

Em 10 de agosto de 1988 me associei a um clube de Rotary. Naquele ano, 350 mil crianças foram acometidas pela poliomielite, ou paralisia infantil. Uma média de 960 crianças por dia ou 40 crianças por hora se infectaram. Já em 2011 o mundo apresentou menos de 500 casos, sendo que em 25 de junho de 2012 havia um total de 89 casos nos países endêmicos: Nigéria, Afeganistão e Paquistão. Em maio do mesmo ano a Assembleia Mundial de Saúde declarou que erradicação da poliomielite, ou paralisia infantil, era uma "emergência programática" para a saúde pública global. A preocupação é imensa, pois a partir de julho de 2012 mais de 15 países deixarão de vacinar suas populações por falta de recursos.



por

PAULO ZANARDI

Rotariano brasileiro e Defensor Nacional do Programa Pólio Plus para o país



Como Defensor Nacional do Programa Pólio Plus para o Brasil, participei em agosto de um encontro para discutir o assunto com aproximadamente 50 líderes rotários, entre eles o atual presidente da organização Sakuji Tanaka, o presidente eleito Ron Burton, e mais quatro ex-presidentes do Rotary Internacional. Estavam também presentes representantes dos países afetados pela doença e outros muito importantes no suporte à erradicação, como os EUA, Reino Unido, Canadá, Alemanha, Coréia, Japão e o Brasil. Este encontro antecedeu um evento também sobre o assunto durante a Assembleia Geral da ONU em 27 de Setembro, em Nova Iorque. Todos discutindo a importância de levar a erradicação a cabo o quanto antes. A Organização Mundial da Saúde (OMS) calcula que se não for erradicada agora, a doença se espalhará e teremos 10 milhões de casos nos próximos 40 anos.

Os maiores empreendedores do desafio de erradicar o vírus da pólio no mundo têm sido o Rotary Internacional (RI), a Organização Mundial da Saúde (OMS), os Centros dos EUA

para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) e a Organização das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Mas somente o trabalho dessas organizações não é suficiente para finalizar esta batalha iniciada há 25 anos pelo Rotary. A participação da sociedade como um todo é essencial para o sucesso!

Seja cada indivíduo falando sobre o assunto e a necessidade de erradicar o vírus da poliomielite agora; os governos dando suporte logístico e financeiro; as grandes empresas aportando valores nos países de menor poder econômico; voluntários visitando os países de alto risco e ajudando no convencimento da população para que aceitem a vacinação. Afinal, enquanto houver uma criança infectada pelo vírus da poliomielite, nenhuma criança no mundo estará fora do risco.

Os Rotarianos do Brasil já doaram mais 8,5 milhões de dólares para a causa, dos quais seis milhões aplicados no Brasil. Dia 10 de agosto de 2013 farei 25 anos de Rotary. Como presente, eu só peço a Deus a oportunidade de poder gritar em alto e bom som: WOO HOO nós acabamos com a pólio!

Falta Só Isto from Rotary International on Vimeo.

Leia mais sobre...

[advocacia](#)

[Brasil](#)

[governo](#)

[Poliomielite](#)

[Paralisia Infantil](#)

Tweet

Curtir

1

LOCALIZE UM

CLUB

SIGA O

NO

CURTA O

NO

[English](#)

[Français](#)

[Español](#)

[Deutsch](#)

[Italiano](#)

[□□□](#)

[□□□](#)

[Português](#)

[notícias](#)

[blog](#)

[recursos](#)

[www.rotary.org](#)

[torne-se rotariano](#)

[faça uma doação](#)

© 2012 Rotary International

[fale conosco](#)

[política de privacidade](#)